



Carlos de Souza faz reabilitação na Rede Sarah Kubitschek tem fé que voltará a andar e jogar futebol

Diretor do Sarah Kubitschek, Guilherme Nóbrega ressalta que a prevenção é o caminho mais eficaz

Sequelas deixadas pela guerra no trânsito

O trânsito deixa cerca de 250 mil pessoas, por ano, no Brasil, com problemas de saúde permanentes. No DF, entre 2021 a 2024, 5.034 pessoas solicitaram a indenização por invalidez permanente por meio do seguro DPVAT

» CARLOS SILVA
» ADRIANA BERNARDES

A cada 15 minutos, uma pessoa morre em ocorrência de trânsito no Brasil. Os dados mais recentes do *Altas da Violência 2025* revelam que o país perdeu 34.881 vítimas. Não bastasse o crescente número de vidas perdidas, há uma tragédia pouco falada e desconsiderada pelas autoridades: os sobreviventes que passam a viver com sequelas permanentes.

No Distrito Federal, entre 2020 e 2024, 1.279 pessoas perderam a vida em acidentes, segundo o Departamento de Trânsito (Detran-DF). Somente no ano passado, foram 229 óbitos. Um dos mais recentes ocorreu na Fercal. Um caminhão-tanque tombou, pegou fogo, atingiu um carro e duas motos. Uma pessoa morreu na hora. Outras três ficaram hospitalizadas.

Moradores e motoristas que trafegam pela Fercal denunciam a insegurança na rodovia. O motorista Eliton Caires aponta a falta de quebra-molas e sinalização precária. “É muito perigoso. Não tem nada: nem quebra-mola nem radar, nem sinalização suficiente. Só se atentam quando alguém morre”, relata.

Levantamento da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego (Abramet) mostra que, a cada dois minutos, uma vítima de trânsito dá entrada em um pronto-socorro do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Só no Hospital de Base, entre outubro de 2024 e maio de 2025, foram 1.599 atendimentos, de acordo com a Secretaria de Saúde (SES).

Quanto àqueles que passaram a viver com sequelas no DF, o único dado obtido pelo *Correio* é o da Caixa Econômica Federal, que administra o seguro DPVAT (Dano Pessoal por Veículo Automotor de Terra. No período de 2021 a 2024, 5.034 pessoas solicitaram a indenização por invalidez permanente por meio do seguro.

O *Estudo dos Custos de Acidentes de Trânsito no Brasil*, feito pelo Instituto de Segurança no Trânsito (IST), revela que, por ano, no Brasil, pelo menos 250 mil pessoas passam a viver com sequelas irreversíveis. Uma realidade que Josiel Ribeiro Fernandes, 38 anos, está trilhando desde 6 de janeiro de 2024. Após passar o ano-novo com a mãe, em São João d’Aliação (GO), pegou o carro à noite, atravessou Palmas (TO) e seguiu dirigindo madrugada adentro. O corpo não resistiu ao cansaço. Josiel cochilou, perdeu o controle do carro e acordou do coma dias depois, em um hospital, tetraplégico. “Foi o pior momento da minha vida. Tentei me mexer e não conseguia”, lembra, com a voz firme e lágrimas contidas.

Josiel passou mais de quatro meses

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Josiel Fernandes, 38 anos, ficou tetraplégico ao sofrer um acidente de trânsito: “Foi o pior momento da minha vida”

internado em Palmas. No Hospital Sarah de Brasília, ele encontrou o que chama de renascimento. “Sempre achamos que não vai acontecer conosco, mas acontece. Só entende isso quem já perdeu tudo”, lamenta.

Custos

O mesmo estudo que aponta o número de vítimas com sequelas destaca que as ocorrências de trânsito custam ao Brasil cerca de R\$ 300 bilhões por ano. São gastos com hospitais, insumos, perda de produção, custos de adaptação em casa, o humano (doenças mentais). Só com a previdência, são gastos R\$ 4 bilhões por ano.

Presidente do Instituto de Segurança no Trânsito, e autor do estudo, David Duarte classifica a inércia dos governos federal, estaduais e municipais como catastrófica. “Todas as técnicas de redução de acidentes de trânsito são conhecidas. O nosso problema é que somos ótimo no discurso, mas na hora de colocar em prática, todos os tomadores de decisão são negligentes”, afirma.

Duarte critica a escolha de o Brasil de bater na tecla da fiscalização como pilar para a redução das tragédias nas vias. “A

razão é muito simples: ela traz recursos para os Detrans e para o estado. A educação para o trânsito não dá lucro, gasta recurso. Construir um ambiente seguro, é despesa para o estado”, lamenta.

Fratura na coluna

Carlos Marcelo Ramos também passa por tratamento na Rede Sarah. Ele não lembra do sinistro que mudou completamente sua vida. Sofeu um trágico acidente ao entrar na rua de casa em sua moto e só voltou a si quase 17 horas depois. “Só soube depois que tinha fraturado a coluna”, conta. Antes disso, levava uma vida intensa como autônomo, tocando uma empresa de reformas e pintura.

A rotina no Hospital Sarah tem sido, para ele, um divisor de águas. “Fiquei mais de dois anos dependendo dos outros até para tomar banho. Aqui, estou aprendendo a sair da cama sozinho, ir para a cadeira, fazer o cateterismo na uretra com autonomia, coisas que fazem a gente voltar a ser alguém.” Apesar das dores e das limitações, Carlos sorri ao falar da equipe que o acolheu. “Eles têm uma paciência difícil de encontrar em outro lugar. Não tem preço.”

esse dado deveria ser suficiente para gerar políticas públicas de prevenção por meio da educação. “Ensinar que cuidar de si é também cuidar do outro. É disso que precisamos. Porque quando alguém se machuca no trânsito, não é só ele que se fere. Somos todos nós. É a sociedade inteira que sangra”.

Fernando Moraes sabe, com poucos, o peso que um acidente de trânsito pode ter na vida de uma pessoa. Enfermeiro com 17 anos de atuação na Rede Sarah, ele coordena o programa de neuroreabilitação em lesão medular na unidade de Brasília. “Quase 50% dos nossos pacientes com lesão medular sofreram acidentes de trânsito. O programa conduzido por ele dura, em média, de três a quatro semanas por etapa, mas esse tempo pode se estender, a depender de fatores como a gravidade da lesão, da condição física anterior do paciente, etc. “É comum que esses pacientes cheguem com estresse pós-traumático. Alguns podem levar anos para entender o que aconteceu. O emocional é parte fundamental da recuperação”, enfatiza.

Muita fé

Carlos Eduardo de Souza tinha apenas 24 anos quando se envolveu em um acidente. Para desviar de um veículo que fez ultrapassar proibida, o amigo saiu da pista. Sem cinto, os dois foram ejetados do veículo. Ele teve uma lesão medular que afetou sua mobilidade. “De repente, perdi os movimentos dos membros inferiores. O mais difícil foi o luto de ter perdido isso tudo de uma hora para outra”, conta. Depois de seis meses em casa, isolado e enfrentando os custos altos do tratamento — que já ultrapassam R\$ 40 mil —, ele conseguiu uma vaga no Sarah. Com a ajuda de órteses e andador, dá os primeiros passos. “Aqui eu reaprendi a viver. É difícil, mas não dá pra desistir.”

Para Carlos, além da perda física, há a social. “As pessoas sabem que você sobreviveu, mas não entendem o que vem depois. Acham que está tudo bem. Ninguém vê as sequelas”, desabafa. Carlos deixa um recado para quem enfrenta a dor da recuperação: “É um processo doloroso, mas a gente precisa ter fé. Manter o foco, entender que tem um propósito nisso tudo. Se um dia eu voltar a correr, a primeira coisa que quero fazer é jogar bola de novo. Mas só de poder cuidar de mim mesmo já vai ser uma vitória.”



Confira artigo da professora doutora Zuleide Feitosa, especialista em trânsito